

José Manuel Saraiva

Rosa Brava

OFICINA
DO LIVRO

I

No mesmo dia em que Briolanja Mendes foi a sepultar, na campa rasa de um montezinho situado a pouco menos de meia légua das terras pertencentes à casa do conde de Barcelos, D. Leonor Teles de Menezes cumpriu uma jura antiga: abandonou o marido e o filho, virou costas a Pombeiro e partiu para Lisboa. A decisão, tomada tempo antes de a velha Briolanja se extinguir, deixou D. João Afonso Telo, conde de Barcelos, louco de fúria não apenas por ver na aventura da jovem sobrinha uma traição infame ao marido e um acto de desamor pelo filho, mas também por considerar a fuga uma cruel avania contra quem, como ele, fora o único a substituir-se no afecto dos pais, Martim Afonso Telo de Menezes, assassinado em Toledo pelo cruel D. Pedro de Castela, e D. Aldonça de Vasconcelos, falecida prematuramente em consequência do rescaldo da Grande Peste que varreu um terço da população europeia.

Logo no primeiro dia de orfandade da pequena Leonor, com apenas cinco anos, João Afonso Telo propusera-se

conceder toda a protecção à criança, e até distingui-la dos irmãos, João Afonso Teles, Gonçalo Teles e Maria Teles, igualmente seus sobrinhos, nos benefícios resultantes da cobrança de rendas e distribuição de terras. A Leonor coube sempre o melhor quinhão. O melhor e o pior, também, se se considerar a circunstância de o tio lhe ter destinado o fidalgo que ela menos queria para casar. É verdade que tinha feito já dezoito anos, idade mais do que razoável para celebrar matrimónio, ter filhos e dar continuidade à linhagem familiar a que pertencia. Mas o facto de não haver na região da Beira um cavaleiro à altura dos seus sonhos e das exigências que ela impunha a outrem, e a si mesma, eliminava à partida a hipótese de um casamento admirável.

Leonor Teles sempre quis um homem encantador, um macho cujo perfil correspondesse à sua extraordinária beleza. Só que na Beira a possibilidade de escolha do homem perfeito, que ela via ou inventava em desvairados sonhos, era difícil, se não mesmo improvável. Por isso, e porque jamais seria capaz de contrariar a vontade do tio, quanto mais não fosse por respeito à idade e ao facto de ele ter sido armado cavaleiro pelo rei D. Pedro de Portugal numa cerimónia pública em que foram gastas avultadas somas em círios e tochas, D. Leonor começou por aceitar, no silêncio da renúncia, a oferta para aconchego matrimonial de um fidalgo de muitos bens, filho de Martim Lourenço da Cunha, primeiro senhor de Pombeiro, e de D. Maria Anes de Briteiros.

João Lourenço da Cunha, assim se chamava o futuro marido de Leonor Teles, era um homem pouco mais velho

do que ela, de figura medíocre, estatura abaixo da média, volumoso de rosto e de tronco, ambos assimétricos, de cabelo negro, quase sempre desalinhado, e com a pele muito morena. Mas pior que o aspecto físico do fidalgo, que até às putas beirãs e transmontanias chegava a suscitar nojo e desconforto, eram a estupidez e a cobardia que ela mais detestava nele.

Certo dia, já depois de realizados os competentes esponsais, acordada a soma do dote e lavrada a escritura do acontecimento, a jovem pensou falar ao tio para lhe confessar o seu total desinteresse no brinde que ele lhe destinara e, consequentemente, abdicar de todos os benefícios resultantes do consórcio imposto. E chegou mesmo a decorar duas ou três frases fortes, comoventes, com base na eterna ideia de que o amor prevalece sobre todas as coisas materiais da vida, pelo que, em homenagem a esse princípio que habitava as regiões mais fundas de si mesma, melhor seria desfazer o negócio matrimonial com João Lourenço da Cunha, senhor do morgado de Pombeiro, e esperar por outra oportunidade. Com um discurso apropriado às circunstâncias, pensava ela, talvez o conde se deixasse convencer e, resultado disso, revogasse a escolha do homem que haveria de lhe servir para marido. Mas João Afonso Telo não era pessoa talhada para mudar de ideias, muito menos para ceder a pressões de uma mulher, menos ainda para se amoldar a conceitos tão modernos quanto os do amor e da beleza, sobre os quais as açafatas da sua pequena corte discorriam regularmente. Só entre elas e em segredo, diga-se.

Para João Afonso Telo, a palavra era, acima de tudo, um voto terminante, uma espécie de lei irrevogável, a insuspeita

garantia de que nenhuma forma de arrependimento poderia alterar o que quer que fosse. O que se dissesse e se promettesse estava dito e prometido. Significava isto que, uma vez dada a sua palavra, nada faria o conde voltar atrás. E Leonor Teles sabia-o melhor que ninguém. Mesmo assim, numa tarde de muito frio, depois de ter passado mais de duas horas a rezar para que a falecida mãe intercedesse no Céu por ela e a ajudasse a descobrir na terra o caminho da redenção e da procura, encontrou-se às escondidas, na câmara inferior do solar, com Briolanja Mendes, que fora na sua infância uma dedicada ama e era agora, na idade adulta, a única confidente e excepcional conselheira. Queria saber o que a velha criada pensava do assunto, da conveniência ou da inconveniência de uma conversa com o senhor conde acerca da proposta de renúncia ao fidalgo prometido.

Logo que as duas mulheres entraram na sala, Leonor Teles, antes mesmo de se sentar num dos dois únicos bancos de pinho que compunham o parco mobiliário daquele desconfortável compartimento, apoiou as mãos sobre os ombros da ama e, num tom de voz estremeado, perguntou:

– Que hei-de fazer eu à vida, Briolanja Mendes? Tu, minha devotada amiga, tu que acreditas nos sortilégios e sabes que os presságios se cumprem sempre, diz-me o que deverei fazer? Sabes que arrenego o homem com quem vou casar e, Deus me perdoe a blasfêmia, também debes saber que por arrenegá-lo tanto jamais saberia amar o filho que porventura dele viesse a ter...

– Senhora...

– Não, Briolanja, ouve primeiro e fala depois.

Com a mão direita e a ajuda da perna esquerda, Leonor Teles arrastou um banco pelo chão e colocou-o a pequena distância do outro, daquele que haveria de ocupar.

– Agora senta-te aqui e escuta – ordenou, triste, emocionada, com os olhos vermelhos de muito choro. – Dizia-te eu que abomino João Lourenço não tanto por me ter sido imposto pelo senhor conde, meu tio, nem sequer pela sua desagradável feição e o grosseiro porte, mas principalmente por ver nesse reles fidalgo a incapacidade de recensar dois ou três actos de valentia que tanto nos seduzem, a nós, mulheres. Disseram-me aqui mesmo, nesta câmara, alguém sentado no lugar onde estás, e que bem o conhece, que João Lourenço é um homem habituado unicamente ao consolo das amantes e ao regalo de outras mulheres de estimação duvidosa. Assim sendo, como posso eu partilhar a cama com um demónio desses? Diz-me, Briolanja! Como posso eu partilhar o meu corpo com um fidalgo rico de bens, é certo, mas pobre de sentimentos? Ou me engano muito ou ele espera de mim, apenas e tão-só, uma esposa dócil, a esposa fértil que lhe multiplique a família, lhe perpetue o nome e a descendência.

– Senhora, o que quer dizer de seu ao senhor conde? – perguntou Briolanja Mendes, depois de a jovem interromper o discurso para limpar os olhos à manga do balandrau, colocado cuidadosamente sobre os ombros.

Leonor Teles fitou séria o rosto de Briolanja, com as mãos ajeitou a crespina que lhe cobria as longas tranças e, sem

pestando ou mudar de expressão, respondeu num tom de voz quase inaudível:

– Dizer-lhe que não quero casar com João Lourenço.

E, após uma prolongada pausa, concluiu:

– Simplesmente isso.

Do exterior da casa, na zona da cozinha e dos currais, chegou naquele instante o ruído simultâneo de vozes e do batimento no lajedo dos cascos de um cavalo. Briolanja levantou-se imediatamente e, espreitando pela fresta da janela por onde entrava um feixe de luz pálida como a cor do dia, verificou que não era ninguém com direito de acesso ao interior do solar.

– Não há nenhum problema de sermos vistas, senhora, é o almocreve que acaba de chegar com mercadoria para o celeiro; está ali à conversa com dois criados.

Leonor temia que algum nobre da casa, parente próximo ou afastado do conde, as descobrisse, tão perto uma da outra, numa atitude de estranha cumplicidade, e fosse contar isso a João Afonso Telo. E este, todos o sabiam, não apreciava que a sobrinha mantivesse contactos demasiado íntimos com as aias ou camareiras residentes na sua casa. Gostava de separar as águas.

Mais tranquila, não só pela ausência de qualquer empecilho que lhe estragasse a conversa, mas sobretudo pelos desabafos que lhe iam libertando a alma de tanto lixo, Leonor Teles prosseguiu:

– Sabes, Briolanja, quero casar, sim, mas com um homem que eu ame e me queira amar. Já conheci alguns na

minha vida; poucos, é verdade, e tu melhor que ninguém o sabes. Mas por motivos vários, que agora não vêm ao caso, não consegui alcançá-los. Ou melhor, o senhor conde, meu estimado tio, não me deixou alcançá-los.

E após um instante de silêncio, acompanhado por um vigoroso soluço, prosseguiu:

– Que hei-de fazer eu à vida? Diz-me, minha boa amiga, que destino vai ser o meu?

Briolanja Mendes não respondeu logo. Fez uma pausa, pôs-se de pé, persignou-se duas vezes, e só depois disse:

– Deixe-me rezar primeiro, senhora.

Com as mãos recolhidas no balandrau e juntas ao peito, Leonor Teles ficou a observar a velha a dirigir-se ao genuflexório colocado sob o pequeno santuário numa das paredes do compartimento para rezar às imagens de vários santos o páter-nóster, o credo, a salve-rainha e a ave-maria. Lá estavam, lado a lado, numa espécie de altar iluminado por lâmpadas votivas, as imagens de São Geraldo de Braga, Santa Maria do Bouro, Santa Maria do Pombeiro, São Salvador de Valongo, Santa Maria do Lago, São Servando e, até mesmo, São Clemenço do Mar.

Com tantas rezas, difícil seria que nenhuma das santificadas criaturas deixasse de iluminar a inteligência de Briolanja em ordem a prestar-lhe toda a capacidade de aconselhamento. Era, aliás, nessa graça divina que assentava a esperança de Leonor Teles, por tanto acreditar que só mesmo Briolanja seria capaz de lhe indicar a solução definitiva do problema.

De joelhos no chão, com a cabeça entalada entre as mãos roxas do frio e rugosas da idade, Briolanja Mendes rezava, oração atrás de oração, num ritual só comparável ao do Advento ou da Quaresma. Uma vez concluídas as numerosas preces, pôs-se de pé, com uma mão massajou os joelhos para aliviar a dor e, virando-se para a jovem dama que esperava dela um bom conselho, apenas prometeu:

– Senhora, se não se importa digo-lhe amanhã o que há-de fazer. Preciso ainda de consultar as estrelas...

– Consulta-as então e diz-me depois o que te disserem.

Só junto à porta as duas mulheres se despediram: uma foi para a sala; a outra, para o sótão.

Na sala comum da casa encontravam-se já prontos para a ceia João Afonso Telo, alguns fidalgos, um tabelião, o alcaide da terra e dois amigos do conde. À excepção do dono da casa, que ocupava a cátedra sobre cujo pousadouro podia observar-se uma almofada de veludo castanho, os restantes, sentados no chão, em cima de tapetes, levantaram-se imediatamente à entrada de Leonor Teles.

– Por quem sois! – exclamou ela com um sorriso forçado e a voz ténue.

Estiveste a chorar? – perguntou João Afonso Telo, ao ver-lhe as pálpebras inchadas e vermelhas.

– Não, meu estimado tio, foi um cisco que me entrou para os olhos, e de os esfregar fiquei neste estado.

Depois, temendo que o conde voltasse a interrogá-la sobre o assunto, pediu licença para se retirar e desculpas por não os acompanhar na refeição. Aí todos assentiram e

se curvaram ligeiramente, sobretudo quando ela abandonou a sala, excepto o alcaide que, esquecendo-se das regras que impõem uma espessa cortina de respeito e de pudor, ficou estático, perturbado, a olhar para o traseiro da jovem até ela desaparecer do umbral da porta.

– Há algum problema? – perguntou sorridente João Afonso Telo, despertando o alcaide da sua aparente indiligência.

– Nenhum, senhor conde, nenhum... – respondeu ele titubeante, enrubescido, incapaz de disfarçar a vergonha pela exibição da sua grosseira atitude.

Leonor Teles de Menezes era, de facto, uma mulher bela. Na perfeição do rosto, sob os olhos de um azul intenso, dispersavam-se pequeníssimas sardas, pouco mais escuras do que a cor da pele que lhe cobria o corpo. E os cabelos louros, quase sempre descaídos e entrançados até ao cume dos seios, completavam o retrato da mulher mais cobiçada pelos homens da Beira e de Trás-os-Montes. Lá, decerto, não havia nenhum, da nobreza, do clero, ou até mesmo do povo, que nunca tivesse desejado por um breve instante, quanto mais não fosse no delírio dos sonhos, deitar-se uma vez com aquela mulher formosa e incendiária. Todos gostariam de a ter; nenhum, porém, conseguiria alcançá-la. Excepto o prometido marido, João Lourenço, se entretanto o conde de Barcelos não se dispusesse a capitular...

Nessa noite, Leonor Teles mal pôde dormir, não só pela ansiedade, tristeza e desespero que lhe habitavam a alma, mas também pelas recordações, boas e más, que se iam apoderando

de si numa cavalgada difícil de conter. Lembrava-se da infância, sempre bem cuidada pelo tio, mas principalmente protegida pela ternura da ama, Briolanja Mendes, que, àquela hora, no sótão do solar, estaria a consultar as estrelas para delas colher a resposta às suas inquietações. Lembrava-se também da perturbada adolescência, sobretudo do período, embora não muito longo, em que manteve um caso de incesto com o irmão Gonçalo Telo de Menezes. Deste episódio, que Leonor guardava no armorial das recordações como o mais desagradável de todos, só Briolanja tinha conhecimento. Deste e de outros, aliás.

Foi numa noite de trovoada, como não havia memória em Barcelos, que Briolanja inadvertidamente encontrou os dois irmãos enfiados na cama da rapariga. Estavam nus, ela por cima, ele por baixo, numa audácia que deixou a velha petrificada junto à porta da câmara, aberta de par em par pelo estrondo dos trovões ou assim deixada por descuido do rapaz. Mas ainda que a envolvência física entre irmãos fosse razoavelmente tolerada pela Igreja e vagamente admitida pela sociedade, Leonor Teles teria preferido, ainda assim, ser descoberta naquele propósito com um servo, facto bem mais desonroso, a sê-lo com o próprio irmão.

– Apaga essa porcaria – gritou ela, quando se apercebeu de que a ama a vira deitada com Gonçalo.

A presença de Briolanja àquela hora da noite, num espaço da casa vulgarmente interdito às criadas e camareiras fora das horas normais de serviço, foi menos accidental do que imaginar se possa. Briolanja Mendes sabia que Leonor Teles